



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Entrevista ao Jornalista Etevaldo Dias, do *Jornal do Brasil*, no dia 14 de Setembro de 1990

Jornalista: Só em países ocupados militarmente, como a Alemanha do pós-guerra, a Cuba pós-revolução, houve retenção de depósitos bancários. O senhor estava respaldado em que para tomar essa medida?

Presidente: Nós tínhamos a convicção absoluta de que esse era o caminho correto. Até porque não havia outro. Além disso, tínhamos certeza de que perseverando nesse caminho iríamos atingir nosso objetivo. Finalmente, havia também muita confiança no entendimento que a sociedade teria da drasticidade das medidas que nós iríamos tomar.

Jornalista: Era então uma intuição de que isso podia e devia ser feito?

Presidente: Houve sim uma boa dose de intuição, mas, sobretudo, de conhecimento de como se cristaliza, de como se demonstra, na prática, o inconsciente coletivo da Nação.

Jornalista: Isso o senhor aprendeu durante a campanha?

Presidente: Sem dúvida, muito. Eu diria que hoje, se há uma coisa em que eu sou especialista, é na natureza humana, no ser humano. Isso eu conheço bem, conheço profundamente. Isso vem muito da própria prática de sempre estar convivendo com muitas pessoas, e sobretudo com as pessoas mais humildes.

Jornalista: Mas não foi difícil, às vésperas da posse, tomar decisão tão drástica?

Presidente: Sim, mas a decisão não foi tomada às vésperas da posse. Foi difícil quando da formulação do Plano. Nós tínhamos mais ou menos delineado, no nosso programa de governo, bem antes da posse, pontos em que nos apoiariamos para substanciar o programa econômico. Aquela teoria, extremamente simples, de que os níveis de inflação são diretamente proporcionais à quantidade e ao excesso de moeda na economia é verdadeira. Nós sabíamos que tínhamos que tomar uma atitude forte para o enxugamento dessa liquidez — sem, naturalmente, retirar do cidadão uma propriedade sua. Nós apenas estabelecemos um prazo pelo qual, compulsoriamente, as pessoas ficariam impedidas de utilizar aqueles recursos para o seu consumo. Mas os recursos lá estão, depositados, rendendo juros e correção monetária, e estarão disponíveis a todos os seus proprietários — ou aos seus titulares — no momento oportuno.

Jornalista: O senhor esperava reações mais violentas? Quebra-quebra de bancos, por exemplo?

Presidente: Não. Nós esperávamos o que de fato aconteceu. Que naquele primeiro instante haveria uma redução brutal no nível de liquidez na economia, o que ocasionaria uma queda, também drástica, dos níveis inflacionários. Também esperávamos que isso pudesse causar alguma insatisfação, sobretudo — como aconteceu —, nas camadas mais abastadas da sociedade brasileira. Mas eles perceberam, apesar da insatisfação que tiveram — e que alguns ainda continuam a ter —, que o caminho passaria obrigatoriamente por esse enxugamento. O caminho para o equilíbrio do ajuste econômico, o equilíbrio da taxa inflacionária a níveis compatíveis com a taxa de crescimento que nós queríamos ter.

Jornalista: As elites foram as que mais reagiram?

Presidente: É verdade, a reação maior veio das elites. Exatamente daquelas elites que estavam acostumadas a somente ganhar dinheiro com a inflação. Houve, nos últimos anos, uma falta de exercício nos músculos da competitividade e da eficiência de muitos empresários. Então, eles não precisavam mais competir, eles não precisavam se tornar mais eficientes, porque eles ganhavam mais dinheiro com as suas atividades não-operacionais do que com as operacionais. Esses que estavam mal-acostumados sofreram e gritaram mais.

Jornalista: Os banqueiros teriam sido os que reagiram mais fortemente?

Presidente: Reagiram bastante. O sistema bancário reagiu, sobretudo uma ala, dentro do sistema bancário, que se acostumou muito a ganhar com a especulação. Alguns bancos tinham linhas para financiamento de novos projetos industriais, agrícolas, uma boa carteira de desconto com duplicatas. Mas outros não. Outros só faziam movimento nitidamente especulativo. E esses tiveram um baque muito grande. Mas, também aqueles industriais, que fazem parte dessa elite atrasada do Brasil — que graças a Deus é uma minoria —, reagiram fortemente. Apenas eles não tinham, como ainda continuam a não ter, canais muito fáceis para pressionar o Governo. Então eles ficavam sem ter como esperar, como faziam no passado.

Jornalista: Por que sua agenda geralmente contempla poucos empresários?

Presidente: É porque eles talvez saibam que para vir aqui e conversar comigo têm que tratar de questões que estejam relacionadas com o interesse público. Muitos que, em passado recente,

desciam em Brasília, e com muita constância aqui no Planalto, não vêm mais por falta de motivação. Eram aqueles que vinham pedir favores, a interferência do Estado, tratamento assistencialista. Eles sabem que hoje não existe mais esse veio correndo por aqui. Esse veio se esgotou.

Estado e Empresa

Jornalista: O senhor acha que havia uma relação excessivamente íntima entre empresários e o poder público?

Presidente: Muito. Havia uma associação extremamente danosa ao interesse nacional. O Estado acobertava a ineficiência de setores importantes da economia nacional, com atitudes paternalistas, que eram bancadas pelo conjunto da sociedade. E esse preço desaguava no descontrole orçamentário e por aí na taxa de inflação. Então, essa associação, essa sociedade extremamente danosa deixou de existir. Agora, cada um tem que mostrar-se competitivo, tem que mostrar-se eficiente para poder sobreviver.

Oposição

Jornalista: Como o senhor vê a oposição hoje?

Presidente: Eu acho, fundamentalmente, que as pessoas que fazem oposição ao Governo têm um ponto em comum: são todas pessoas extremamente mal-humoradas e de enorme baixo-astral. Não tem um desses que faça uma crítica, e não faça essa crítica de uma forma esbaforida, raivosa, de mal com a vida, achando que tudo é um horror, pessimista. A gente olha assim para o sujeito e tem aquela carga pesada, negativa. O Brasil é outro. O Brasil é outro, meu Deus do céu. Será que não se po-

de conviver democraticamente? Todos são extremamente mal-humorados.

Jornalista: O PT está sendo o grande partido de oposição?

Presidente: Não vai nenhuma pretensão nisso, mas quem elege hoje a oposição é o próprio Governo. Quer dizer, quem escolhe quem vai fazer oposição ao Governo é o próprio Governo. Primeiro, porque a oposição é extremamente incompetente.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Porque ela é tão incompetente que achou que falar do Governo, falar mal do Plano econômico fosse render votos. E todos aqueles que entraram nessa fieira achando que era um veio eleitoral, ao contrário, não tiveram chance. A cada dia que passa vão caindo nas pesquisas.

Eleições

Jornalista: Como é que o senhor entende a preferência do eleitor, hoje, para os candidatos mais conhecidos, exatamente o inverso do que ocorreu na eleição presidencial?

Presidente: Isso é natural. Do mesmo modo que quiseram, naquela oportunidade, e não faz tanto tempo assim, um candidato novo, hoje, para contrabalançar, eles estão querendo candidatos com experiência, já com passagem no Executivo. Veja que os que estão na frente são os que já têm comprovação do que poderão fazer em função de terem ocupado já a governança de seus estados. Então eles querem agora contrabalançar. Não querem experimentar na dúvida, porque quando eles têm certeza de que um jovem é bom, como é o caso do candidato lá do Ceará, estão votando nele.

Jornalista: E esse desinteresse dos eleitores pela campanha?

Presidente: Isso é fruto da própria atuação da classe política. Isso não é sintoma, como querem alguns, de alienação da sociedade. Ao contrário, é a prova de que a sociedade está de tal maneira conscientizada que repele com o seu voto, sobretudo nessa faixa de Câmara Federal e Senado, a atitude de alguns parlamentares cujo mau exemplo dominou o conjunto. Então isso é uma resposta clara. É lamentável que isso aconteça, porque o índice de votos brancos e nulos vai realçar aqueles candidatos detentores dos chamados currais eleitorais, que nem sempre são os candidatos que primam, como nós desejaríamos, pela busca do interesse, pela busca do atendimento ao interesse público.

Jornalista: O senhor continua parlamentarista?

Presidente: Claro. Sempre fui.

Parlamentarismo

Jornalista: E acha que o próximo governo já pode ser parlamentarista?

Presidente: Acho. Mas tudo vai depender das circunstâncias, do momento em que o plebiscito for realizado. É preciso que a sociedade confie no Congresso. Isso é fundamental. Porque no período de esclarecimento do que significa um sistema de governo e outro, isso tem que ficar muito nítido para a opinião pública. O sistema parlamentarista é um sistema, sem dúvida nenhuma, mais moderno, é o que dá maior equilíbrio, estabilidade política a um país, mas no sistema parlamentarista quem governa — diferentemente do presidencialista — é o Congresso, é o Parlamento. É necessário que quando isso estiver sendo levado à opinião pública, ela o reconheça: «Ah! É o Congresso»; ela então olhe para o Congresso e diga: «Puxa vida. Esse Congresso é bom. Isso aí realmente pode dirigir o País». Então essa é a realidade. O sistema parlamentarista será tão mais fácil de ser

implantado no País quanto maior for a credibilidade da instituição do Poder Legislativo no País.

Poder Legislativo

Jornalista: O senhor acha que o Congresso tem que passar por processo de modernização?

Presidente: Tem que passar por esse processo, tem que haver uma autocrítica do Congresso Nacional. O Congresso Nacional tem que se examinar pelas vísceras. Isso é uma coisa com a qual tem que se tomar cuidado, porque, quando se faz alguma anotação sobre o comportamento do Poder Legislativo, diz-se: «Antidemocrático, contra a democracia, quer fechar o Congresso». Quer dizer, do Executivo fala-se o que se quiser e ninguém reclama. Quando se critica o Executivo está-se no exercício pleno dos direitos que a democracia nos concede. Agora quando você chega e faz algum comentário sobre a atuação do Legislativo, é uma coisa horrível. Mas a grande realidade é que o Congresso precisa passar por uma profunda reavaliação.

Campanha Eleitoral

Jornalista: Por que o senhor não está participando da campanha eleitoral?

Presidente: Porque não fica bem. Dentre as atribuições de um Chefe de Governo, de um Chefe de Estado, não se inclui a participação no processo eleitoral. É preciso ter muito cuidado para se manter a isenção devida nesse processo, de modo a que, como nós estamos fazendo, o funcionamento da administração, em nenhum local, se verifique o Governo Federal e seus instru-

mentos atuando a favor de quem quer que seja. Aquele negócio: «Não! Liberou dinheiro para ajudar lá o candidato». Você não vê isso. «Liberou não sei o quê para isso». Nada. Até mesmo um programa de alimentação que nós temos — aqueles alimentos todos que estavam ao léu, apodrecendo, nós recolhemos, fizemos cestas básicas e ao invés de dar o dinheiro nós estamos distribuindo para a população do Nordeste. Até isso eu mandei fazer somente depois da eleição para não ter nenhuma conotação eleitoral.

Inflação

Jornalista: A inflação está no nível que o senhor esperava seis meses atrás?

Presidente: Em todos os pronunciamentos que fiz, pela campanha, eu disse que nos seis primeiros meses reduziria a inflação para cerca de 10% e que em um ano e meio eu teria essa inflação em 3%. Eu posso afirmar que daqui para o final do ano, daqui até dezembro nós teremos uma queda brutal na inflação. A inflação vai cair e com ela vão cair também todos aqueles que apostaram na volta da inflação.

Jornalista: Isso significa uma quebradeira?

Presidente: Eu não diria uma quebradeira, mas um ajustamento forte.

Jornalista: Recessão também?

Presidente: Veja que desde o Plano econômico se fala na questão da recessão. «Vai ser a maior recessão do País, uma recessão brutal, não sei o quê».

Jornalista: Depressão?

Presidente: Primeiro era depressão. Aí não houve depressão. Depois era recessão. Não houve recessão. Esse pessoal, inclusive muitos economistas também extraordinariamente incompetentes, tamanha a deformação acadêmica deles, se equivocou. Todos eles participaram do Poder e do Governo, todos eles tiveram ao seu dispor mecanismos institucionais da legislação autoritária poderosíssimos e nenhum deles consertou a situação no Brasil. Ao contrário, agravaram a situação. São todos incompetentes. Têm que voltar a aprender aritmética. São incompetentes. Todos. Todos. Eu não estabeleço nenhuma exceção. Têm que calar a boca! Têm que calar a boca e aprender como é que age uma equipe jovem, movida pelo combustível do ideal, coisa que eles não têm. E eu não troco o ideal da minha equipe por um Ph. D que eles tenham conseguido, Deus sabe como, numa dessas universidades. E esses empresários que continuam pagando, em dólar, por esses relatórios inteiramente cheios de equívocos, eles têm que parar rapidamente de fazer isso. Se eles fossem competentes mesmo não teriam feito contratos em dólar. Teriam previsto a queda do dólar. Mas, ao contrário, acharam que o dólar ia estourar.

Lucros

Jornalista: O senhor tem falado em margens de lucros excessivas praticadas por empresários. Dá para o Governo fazer alguma coisa para diminuir estes excessos?

Presidente: Claro que dá. Mas é sobretudo uma questão cultural. Quer dizer, as margens no Brasil são as mais altas do mundo. No Brasil se criou a consciência de que quem não lucrar 100%, é incompetente. Imagina. 100% por baixo. Em outros países, eles ganham na economia de escala, elas ganham com a maior produtividade. As margens são de 2, 3, 5%. Quando chega a 20% já é uma coisa, tem que ser uma atividade muito específica para dar isso. Então no Brasil o que nós pedimos foi

que reduzissem a sua margem de lucro. Nos contratos de trabalho celebrados, nos acordos que fossem celebrados, que dessem o reajuste, mas sem repassarem para o preço, retirando de seus lucros.

Jornalista: Que instrumentos o Governo tem para agir?

Presidente: Essa suave política monetária que está sendo conduzida pelo Ibrahim. Um dos pontos extraordinários do Plano foi que o Governo reconquistou a sua capacidade de planejar e reconquistou o controle sobre a política monetária. O Governo não tinha outros instrumentos. Hoje tem. A política monetária, que é o instrumento, que é o fole que injeta ou retira os recursos, e que baliza o montante, como quer a ministra Zélia, do M1 e do M4 na economia, essa política monetária é que vem sendo regida com maestria pelo Ibrahim. A dosagem dessa retração da base monetária quem vai dizer são os próprios agentes econômicos. Na medida em que nós já chegamos à conclusão de que eles não ficaram atentos à situação que nós estamos vivendo e não deram também importância ao nosso apelo, então vamos apertar mais a política monetária. Apertar mais a política monetária significa que teremos menos dinheiro. Ter menos dinheiro significa que o dinheiro encarece, ou seja, a taxa de juro é elevada. Vai chegar um momento em que eles vão estar em dificuldades.

Jornalista: O senhor acha que eles têm repassado para os preços esses custos?

Presidente: Têm repassado.

Política Monetária

Jornalista: Essa necessidade de um novo aperto monetário é resultado de se terem aberto torneiras demais?

Presidente: Não. De jeito nenhum. A única surpresa que nós tivemos no que diz respeito à questão das torneiras, foi quando abrimos para os aposentados, permitindo que eles lançassem mão dos seus depósitos em caderneta de poupança e *overnight*. Nós nunca poderíamos imaginar que os saques chegassem ao montante que chegou, que foi de 4 bilhões de dólares.

Jornalista: Então eles tinham mais dinheiro do que se esperava?

Presidente: Mais dinheiro do que se esperava. Foi a única surpresa nossa. Mas o resto não. Tudo perfeito. O que está havendo, rigorosamente, agora, é essa conjugação extremamente perversa do resquício ainda da memória inflacionária associada à prática de certos setores da economia brasileira que não atentaram para o fato de que têm que reduzir as suas margens, têm que reduzir os seus custos, buscar a produtividade e se adequar aos nossos tempos. Então a falta dessa adequação, junto com esse rescaldo da memória inflacionária, é que está fazendo com que os preços não estejam caindo como deveriam estar caindo em função das políticas que estão sendo colocadas em prática. Ou seja, há uma completa falta de vinculação entre as políticas que nós estamos implementando e o comportamento da inflação. E por que isso? Exatamente por essa associação: então nós temos que dar um aperto monetário. E já estamos dando de uma forma paulatina.

Política Salarial

Jornalista: Qual é a política salarial ideal?

Presidente: A política salarial é aquela expressa pelo entrechoque das livres forças de mercado. A livre negociação é fundamental para a modernização das relações capital-trabalho. Nós temos que retirar o Estado como eterno interveniente dessas negociações. O Estado não tem nada a ver com isso. Isso é uma questão do empregado e do empregador.

Entendimento Nacional

Jornalista: Por que é importante o Pacto Social?

Presidente: Entendimento social. Entendimento social é importante porque nós precisamos tornar o programa econômico, aprovado nas urnas, operativo. Esse entendimento nacional está secundando o maior entendimento nacional, aquele que foi expresso pelas urnas em novembro e dezembro do ano passado. Esse é que foi o grande entendimento nacional, pela via democrática, pelo voto expresso nas urnas. Esse segundo momento do entendimento nacional é para nós tornarmos este programa operativo, com o menor custo social possível. Naturalmente, não está em debate a questão da privatização, porque a privatização foi aprovada pela sociedade. Não se trata de dar aos sindicatos dos trabalhadores rurais a condução do processo de reforma agrária, porque o projeto de reforma agrária que foi entendido como melhor foi este do atual Governo, e que foi expresso com clareza. Não se trata de manter a presença do Estado na economia, porque um dos temas primordiais foi o enxugamento da máquina burocrática, a reformulação do papel do Estado. Então é por isso que o novo entendimento, secundando o grande entendimento que foi o das urnas, é fundamental. O que está em jogo não é o Governo, o que está em jogo é o País.

CUT

Jornalista: O senhor descarta a participação da CUT nesse entendimento?

Presidente: De maneira alguma. É absolutamente importante a participação, nesse esforço de entendimento, de todas as lideranças da sociedade civil. O papel dessa Central me parece relevante no movimento sindical, e por isso considero que não se deve prescindir de sua participação. Esse, aliás, foi o tema de

uma conversa muito produtiva que tive, esta semana, com o Prefeito de Campinas, Jacó Bittar, que é do PT. Não desejamos cooptar ninguém, qualquer entidade. O que pretendemos, no Brasil moderno que buscamos, é estabelecer um relacionamento atual, contemporâneo, que não priorize um princípio arcaico, segundo o qual «ser independente é ser contra». Esse é um princípio retrógrado. O que a sociedade deseja é que todos estejamos a favor do Brasil. É isso que pretendemos, com o entendimento nacional.

Educação

Jornalista: Por que ainda não tivemos uma revolução na educação como tivemos na economia?

Presidente: Nós estamos fazendo seis meses e já temos esse Programa Nacional de Alfabetização, que é um programa — sem que eu faça nenhuma apreciação pessoal — que o próprio diretor-geral da UNESCO declarou não ter registro na história, tamanha a sua abrangência. Vamos reduzir em 70% o número de analfabetos ao final desse nosso período. Nós temos também que repensar a questão da universidade. Cerca de 70% dos recursos que nós temos para educação são canalizados para as universidades. Nós aumentamos o número de vagas em cerca de 600 mil, reduzindo os custos sem aumentar um centavo de custo.

Poder

Jornalista: O poder é solitário? O senhor não se sente mais só, depois de assumir a Presidência?

Presidente: Outro dia eu estava aqui almoçando com um deputado e ele disse assim para mim: «Mas Presidente, não sei como é que o senhor vive aqui em Brasília, isso aqui é muito chato».

Aí eu falei: «Mas eu adoro Brasília, eu adoro Brasília exatamente por isso. Você vê esse planalto, você vê essa quietude, esse silêncio, você vê esse verde». Onde, no Brasil, você tem uma qualidade de vida melhor do que a de Brasília? Seus filhos...» «Ah, porque meus filhos não gostam». «Pois é, mas se você tivesse filho menor, você iria ver como Brasília é. Em Brasília você tem como estudar. Se você quiser almoçar em casa, você tem tempo para isso. Tem tempo para ler, você tem tempo para conviver com seus amigos. Eu adoro Brasília, eu gosto muito dessa cidade, e gosto muito desse silêncio». Aí ele chegou, desceu e quando chegou a imprensa disse que eu havia dito que o poder isola. Aí depois eu o secundeiei. Falei assim: «Olha, o poder isola, sim, mas me isola dos chatos». Realmente, a gente tem uma certa tranqüilidade. Eu só converso hoje com as pessoas que me são caras, as que são interessantes. O poder, fundamentalmente, me isola, sim, dos chatos.

Jornalista: O senhor não se sente com menos amigos?

Presidente: Não, de jeito nenhum. Eu me sinto muito bem. Quando eu convidei os diretores dos jornais para vir aqui, não sei quem perguntou: «Presidente, o Presidente Geisel disse que o poder para ele era uma questão de uma missão que ele nunca pediu, nunca quis, e não sei mais o quê. Depois, o Figueiredo disse que contava os dias para sair, que era uma chatisse. O Sarney disse que aquilo era horrível, que caiu no colo dele a Presidência, que ficava doente. E o senhor?» Eu falei: «Não. Eu adoro ser Presidente. Estou me sentindo muito bem como Presidente, estou adorando o que estou fazendo, estou me realizando. É exatamente gratificante, não tenho uma noite maldormida, não tive nenhuma gripe até agora, e Deus queira que eu não tenha. Estou me sentindo muito bem».

*Entrevista concedida ao jornalista
Etevaldo Dias, do Jornal do Brasil, por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em Brasília, DF, no dia 14 de setembro de 1990.*